

PAIXÕES DA LITERATURA: ÉTICA E ALTERIDADE EM DERRIDA

PASSIONS OF LITERATURE: ETHICS AND ALTERITY IN DERRIDA

Carla Rodrigues*

RESUMO

A partir da leitura de *Demeure*, livro que o filósofo Jacques Derrida dedica ao tema da literatura, este artigo pretende articular questões éticas e estéticas no pensamento da desconstrução. O texto propõe a ligação entre a função da literatura e o debate sobre ética no pensamento de Derrida. A função e lugar da literatura aparecem como estratégia de questionamento da tradição ético-política. Sem essência ou identidade, a literatura apontará a potência de ficção e de indeterminação de todo texto, inclusive e, sobretudo o filosófico, desempenhando também função estratégica no pensamento ético de Derrida.

PALAVRAS-CHAVE: Ética; estética; literatura; pensamento da desconstrução

ABSTRACT

Reading *Demeure*, book the philosopher Jacques Derrida dedicated to the theme of the literature, this paper articulates ethical and aesthetic in the deconstruction. The paper proposes a link between the function of literature and debate on ethics in Derrida. The role and place of literature appear as a strategy of questioning the ethical-political tradition. No essence or identity, literature will point the power of fiction and indeterminacy of all text, including and especially the philosophical, also playing strategic role in ethical thought of Derrida.

KEYWORDS: Ethical; Aesthetic; Literature; Deconstruction

* Doutora em Filosofia (PUC-RIO). Professora (Filosofia/UFF, Comunicação Social/PUC-RIO). Pesquisadora, sob a supervisão de Fabio Durão (IEL/UNICAMP), do Programa de Pós-Doutorado Júnior do CNPQ (2011/2012), projeto do qual este artigo faz parte.

1. Introdução

Paixões da literatura é um título, mas também é uma citação. *Passions de la littérature. Avec Jacques Derrida* era o título do encontro organizado na Suíça por Michel Lisse em julho de 1995, quando o filósofo Jacques Derrida apresentou *Fiction et témoignage*, que viria a ser publicado um ano depois nos anais do congresso como *Demeure. Fiction et témoignage* e ampliado para *Demeure. Maurice Blanchot*, editado pela Galilée em 1998 (POIRIER, 2002)¹.

Minha escolha pela palavra paixão é indicação de que pretendo trabalhar com o *pathos* – aqui entendido como aquilo que perturba – da literatura e seus afetos com a filosofia. É disso, portanto – e não de uma teoria literária –, que pretendo me ocupar no breve espaço deste trabalho. Dois textos de Derrida sobre literatura me interessaram. O já citado *Demeure*, e “La littérature au secret” que integra a edição francesa de *Donner la mort*, de 1999.

Há entre eles uma coincidência cronológica inspiradora a este artigo: são do período que se convencionou chamar de “segundo Derrida”². Ainda que eu não acompanhe os comentadores defensores desta distinção temporal, ela será útil aos meus propósitos de argumentar que, nos anos 1990, a paixão de Derrida pela literatura se volta para sua

¹ Agradeço à Flavia Trocoli (UFRJ) pela generosidade da parceria na tradução de *Demeure: Maurice Blanchot*. Todas as citações a este texto são resultado desta co-autoria.

² Um importante texto de Derrida dedicado ao tema da literatura é “O carteiro da verdade”, cuja primeira versão foi publicada na edição 21 da revista *Poétique*, em 1975, em número especial organizado por Philippe Lacoue-Labarthe sob o título “Littérature et philosophie mêlées”. Dirigido especificamente à leitura de Lacan para o conto de E.A. Poe, “A carta roubada”, este texto marcou de tal forma a crítica de Derrida a Lacan que os comentadores deixaram em segundo plano o aspecto *da função e do lugar* que a literatura ocupa na argumentação de Derrida. Uma das questões em jogo, a ser explorada numa leitura futura, é a crítica de Derrida à estratégia de leitura da psicanálise para a literatura, como uma forma de domesticação da literatura em uma teoria psicanalítica ou em um sistema conceitual que não leva em conta a especificidade da literatura (MICHAUD, 2006; 2003; 2012). Uma das possibilidades de continuação desta pesquisa seria a leitura de “O carteiro da verdade” a fim de explorar esse debate, tomando como ponto de partida o argumento de Michaud: as relações entre a literatura e a psicanálise se desenvolveram dentro de um jogo de poder e o pensamento da desconstrução desempenhou um papel importante ao deslocar estas relações para um outro terreno, mostrando que os limites entre literatura e psicanálise eram “mais emaranhados e menos desembaraçáveis do que pareceria” (MICHAUD, 2003, p.116).

estratégia de abordagem de questões ético-políticas³. Esse recorte não ignora que a literatura fez parte de toda a obra de Derrida, mas quer chamar a atenção para o uso estratégico da literatura como instrumento de questionamento da tradição filosófica centrada no sujeito autônomo da razão.

Reconheço que só a coincidência cronológica é um argumento fraco para o meu objetivo, qual seja, discutir a articulação entre literatura, ética e alteridade. O que pretendo é apenas me valer desta coincidência como ponto de partida para apontar uma das paixões de Derrida pela literatura: o fato de a literatura receber sua determinação de outra coisa que não dela mesma. Em outras palavras, Derrida se interessa pela literatura como aquilo que, prescindindo de uma essência, *depende do outro* para existir.

Antes de começar, no entanto, preciso tratar de uma dificuldade, que persiste desde que comecei a escrever *sobre* Derrida. Se evoco de novo esta dificuldade, que a rigor não é estranha a nenhum dos pesquisadores do pensamento da desconstrução, é por estar diante de um obstáculo a mais. Trata-se de escrever sobre a literatura como paixão, como função e como lugar, tal qual Derrida a discutirá em *Demeure*, mas também sobre a literatura como segredo, cripta, como aquilo que resta de indizível tanto na experiência literária quanto na experiência filosófica, que para Derrida se confundem e se misturam⁴. Segredo é um dos termos do pensamento de Derrida que, embora pertençam à linguagem do dia-a-dia, tenta localizar aquilo que não pode ser nomeado. E, se não pode ser nomeado, como falar e escrever sobre ele?

Embora a dificuldade de falar sobre o segredo possa parecer mais óbvia, há muitos termos em Derrida que apresentam o mesmo tipo de problema. Escritura, rastro, hospitalidade incondicional, dom, perdão, e também literatura, são palavras comuns do idioma, que no vocabulário do filósofo da desconstrução ganham uma ressignificação. Neste ponto, remeto ao problema apontado por Fabio Akcelrud Durão: nos textos de Derrida, estes termos são resultado de suas leituras, mas “nas mãos de comentadores

³ Embora muitos autores (Mitchell, 2007; Rapaport, 2002; Balfour, 2007;) queiram situar o pensamento de Derrida sobre política apenas numa fase final de sua obra, quando teria passado a escrever sobre temas como justiça, hospitalidade, amizade, soberania, perdão e democracia, desde *Gramatologia*, em 1967, ele já estava discutindo a validade de se pensar a partir desse eu soberano da razão, cujos limites seriam reconhecidos a partir da sua formulação de *différance* – deslocamento do “eu” para um contínuo diferir-se.

⁴ Mais sobre o embaralhamento literatura/filosofia em RODRIGUES, 2013.

tendem a ossificar-se em conceitos negativos positivos, ou seja, em noções pré-moldadas com as quais se começa e às quais se tenta adequar o objeto de leitura” (DURÃO, 2012).

Aparece, então, o meu problema: como falar de segredo sem transformá-lo em um conceito? Como falar de segredo, do segredo da literatura, sem tentar adaptá-lo à literatura como objeto de análise? Como falar de segredo sem fazer dele algo a ser decifrado pela minha escrita? Que, assim, perderia toda a possibilidade de conter, carregar, ser portadora de seu próprio segredo? Problema que, se a minha hipótese de trabalho se confirmar, se repetirá também em relação ao termo literatura: tal qual pensada por Derrida, a palavra não mais se referirá à arte que usa a linguagem escrita como meio de expressão, para se tornar outra coisa, sobre a qual vou tentar tratar aqui, com o cuidado de quem não quer formular um novo conceito sobre o literário.

Por isso, insisto no problema da forma. Muitos são os desafios de escrever não sobre Derrida, mas em torno dele, sem tentar compreender o que ele quis dizer (KOFMAN, 1984). Seria preciso escrever a partir de um lugar impossível: *nem* ser uma escrita *sobre* Derrida, *nem* ser uma escrita *como* Derrida, mas uma tentativa de equilibrar-se nesse lugar indecível e escrever *a partir* de um autor cujo pensamento resiste – ou mesmo impede – paráfrases. Em primeiro lugar, resiste porque muitas vezes exige uma dupla paráfrase: trata-se de dizer o que ele diz sobre o autor que ele leu. Mas resiste também porque toda paráfrase “ossifica” aquilo que nunca quis se estabelecer como conceito.

Já uma escrita *como* Derrida seria uma escrita de estilo desconstrutivo, a qual também não é o caso de reproduzir como método. Ainda que ele reconheça que há uma certa regularidade na forma de fazer um tipo de questão de estilo desconstrutivo (DERRIDA, 2004), não há como transformá-la em método porque ela *nem* é repetível, no sentido de que não se aplica da mesma forma a todo texto, *nem* uma forma mais sofisticada de hermenêutica, que levaria a um tipo de leitura exegética dos textos.

Portanto, talvez em relação a Derrida se possa pensar em fazer uma quase-exegese, o *quase* aqui indicando uma atitude cuidadosa de não fazer disso um método de chegar ao “sentido próprio” do texto nem de transformar em conceito aquilo que se pretende manter como indizível. Sobra como estratégia de leitura seguir de perto o texto de Derrida, sendo ao mesmo tempo fiel e infiel a ele⁵. Nesse seguir de perto há essa atitude de *quase-exegese*

⁵ Mais sobre leitura fiel/infel em HADDOCK-LOBO, 2008.

a que me referi, que tenta respeitar a resistência de Derrida às paráfrases, mas ao mesmo tempo avança numa leitura tão entranhada no texto lido a ponto de tornar difícil – a quem escreve e a quem lê – perceber onde está a fronteira entre texto e comentário.

2. DEMEURE: A LITERATURA PERMANECE COMO PATHOS

Derrida nunca pretendeu ser um teórico da literatura, e embora admita que, na juventude, ficou tentado a estudar Literatura, influenciado por pensadores como Jean Paul Sartre e Albert Camus, sua opção pela filosofia acabou fazendo parte de um grande processo de profissionalização dos estudos filosóficos na França dos anos 1960 (SCHRIFT, 2006). No entanto e ao mesmo tempo, quando escolheu a Filosofia, o fez também resistindo aos sistemas filosóficos.

Uma das paixões de Derrida pela literatura foi a possibilidade de embaralhar as supostas distinções entre ficção e não-ficção. Assim como Maurice Blanchot havia feito em *O instante de minha morte* – texto em que ele apresenta como narrativa ficcional uma experiência como soldado na Segunda Guerra – Derrida também vai se valer da literatura para produzir outro embaralhamento, este que é o meu mote para a articulação entre literatura e ética no pensamento de Derrida. Trata-se de, a partir do que ele identificará como as paixões da literatura, misturar autonomia e heteronomia. Neste embaralhamento, a literatura ganhará ao mesmo tempo *uma função e um lugar*. Embora não sejam termos intercambiáveis, *função* e *lugar* vão aparecer como estratégia de questionamento da tradição ético-política, sobretudo como consequência da discussão que Derrida estabelecerá com Kant. A literatura será então o lugar privilegiado de tudo “dizer, tudo aceitar, tudo receber, tudo sofrer e tudo simular” (DERRIDA, 1998). Sem essência, sem identidade própria, a literatura apontará a potência de ficção e de indeterminação de todo texto, inclusive e sobretudo o filosófico. E, mais, por não ter essência nem substância, a literatura ganhará *função* estratégica no pensamento ético de Derrida.

Em *Demeure*, Derrida está se valendo do título do encontro para falar da literatura como paixão. Ele recupera uma trajetória que começa com a cultura cristã, passa pela

instituição do direito, do estado e da propriedade, chega até a democracia moderna e à época das Luzes, e faz parte da história do romance e do romantismo. Como instituição ocidental moderna, a literatura implica em seu princípio o direito de tudo dizer. Mas Derrida vai chamar a atenção para o fato de que esse princípio também implica o direito de tudo ocultar. Literatura se liga também ao direito porque a estrutura supostamente ficcional de toda obra exonera o signatário de responsabilidade diante da lei política ou civil em relação ao sentido do texto. Os segredos encriptados em cada acontecimento literário não correspondem a qualquer realidade mundana, mas ao contrário, apelam a uma suspensão deste olhar, e nenhuma frase é literária *em si*, mas se torna literária, adquire *função literária* segundo um contexto e uma convenção. Um texto, observa Derrida, pode ser lisível e secreto ao mesmo tempo.

Paixão da literatura pode ser então entendida como *pathos*, como aquilo que afeta e é afetado por toda a história do Ocidente. Derrida observa que a palavra paixão também é inseparável da experiência do amor, da paixão amorosa na qual identifica um “desejo de confissão, de testemunho confessional e da veracidade, de tudo dizer ao outro e de se identificar com todo outro”. Por este caminho, paixão se ligará também à relação heteronômica com o outro, heteronomia que não será, como em Kant, incompatível com a liberdade e com a autonomia, e servirá para desestabilizar a autonomia. É o que vai aparecer na discussão ética de Derrida, cuja *função* é interrogar o primado da autonomia do sujeito moral kantiano.

Derrida retomará os dois temas mais importantes da filosofia moral kantiana: a autonomia do sujeito moral e a vontade que escolhe agir por dever. A noção kantiana de autonomia está entre os aspectos mais centrais de suas formulações éticas. Kant define a autonomia como a propriedade da vontade de ser uma lei para si mesma, independente de qualquer propriedade dos objetos de volição. A vontade racional de um agente moral é uma lei autônoma que se dá a lei moral, independentemente de sentimentos, impulsos ou inclinações. Vontade heterônoma – aquela regida por outra coisa que não uma lei da razão – não é capaz, para Kant, de nos guiar no agir moral correto. Kant considera todas as teorias morais anteriores a sua incapazes de explicar a natureza categórica da obrigação moral, por não reconhecerem a autonomia dos agentes morais. O agir moral parte de um *a priori* – a vontade de ser moralmente bom – para orientar nossas ações em direção a esta vontade, que

comandar o nosso agir por dever. Autonomia e moralidade são dois conceitos mutuamente implicados: somos livres para escolher o que é moral, e a autonomia nos garante o agir moralmente correto.

Derrida se volta para a questão da ética a partir da leitura que faz de dois pontos fundamentais das proposições do filósofo lituano Emmanuel Lévinas. Em Derrida, o acolhimento levinasiano se desdobrará em hospitalidade incondicional; e a ética levinasiana como responsabilidade pelo outro se desdobrará em responsabilidade infinita⁶. A paixão pela literatura levará Derrida a pensar a ética como uma “transação entre o imperativo da autonomia e imperativo da heteronomia” (BORRADORI, 2004, p.141). Assim, ele embaralha o ideal de autonomia, que será inseparável da heteronomia, e a literatura será o lugar deste embaralhamento entre a autonomia do texto literário e heteronomia do outro que comparece nesta leitura, e só comparecendo faz a literatura *ser coisa literária*.

Heteronomia em Derrida será essa lei vinda do outro, o reconhecimento de que a minha autonomia é também e sempre a minha heteronomia, é a minha paixão. Assim, interessa a Derrida pensar a literatura como o *lugar* em que não há essência, como aquilo que não pode responder pelo “o que é”, não se captura numa ontologia, não se define. A literatura *não é*, não permanece (*demeure*) como identidade, como ser histórico idêntico a ele mesmo. Na literatura não há o próprio de si, o eu mesmo. Sem autoidentidade, a literatura recebe sua determinação de outra coisa que não dela mesma. Sua lei é um segredo.

Para tornar-se literatura, ela depende do leitor, de tal forma que a literariedade não é uma propriedade intrínseca. A literatura permanece como uma função instável e depende de um estatuto jurídico precário. Não tem, assim, casa, morada, estada, domicílio, lugar onde se autodetermine, não encontra um *chez moi* onde se estabilizar ou fundamentar sua autonomia, que passa então sempre a estar atravessada pela heteronomia. “Nenhum enunciado, nenhuma forma discursiva é intrinsecamente *literária* antes e fora de sua função que lhe assegura ou reconhece um direito, quer dizer, uma intencionalidade específica inscrita num corpo social” (DERRIDA, 1998).

⁶ Mais sobre ética em Derrida em Rodrigues, 2011.

3. ÉTICA E NEUTRALIDADE

São muitas as influências de Lévinas sobre Derrida. No que diz respeito a este trabalho, me interessa a crítica de Lévinas a Heidegger. Lévinas lê no *Dasein* heideggeriano uma insistência no mesmo, no neutro, um fechamento à alteridade. Lévinas toma uma posição crítica em relação a Heidegger desde muito cedo – já nos seus primeiros textos, ele percebe no pensamento heideggeriano uma clausura, um fechamento, um pensamento “que reduz tudo à ordem do mesmo” (DUQUE-ESTRADA, 2008, p.33). O que é da ordem do mesmo e que, portanto, está fechado à alteridade será questão de grande interesse e importância para Lévinas, e também um dos pontos da aproximação de Derrida a esse pensamento. Aquilo que Lévinas procura – e não encontra – em Heidegger será tomado por Derrida como ponto de partida na sua leitura da obra levinasiana, na qual ele se interessa pela crítica à neutralidade do “*Es gibt*” heideggeriano – neutralidade que, para Lévinas, faz da ontologia heideggeriana mais um pensamento inscrito na “zona econômica do mesmo”. A ideia de uma dissimetria absoluta em relação ao outro e, mais ainda, a ideia de que *todo outro é totalmente outro* percorrerão a radicalidade do pensamento ético de Derrida.

A partir da crítica levinasiana ao neutro ele perceberá a histórica sobreposição entre neutro e masculino, abrindo um campo de questionamento da neutralidade e de seus desdobramentos ético-políticos⁷. Em *Demeure*, na leitura que faz de *O instante de minha morte*, Derrida coloca em questão a neutralidade da voz do narrador, voz sem pronome, em que o “eu” se põe e se identifica ele mesmo, repetindo o gesto levinasiano de recorrer a Blanchot no questionamento da neutralidade⁸. Aqui, a paixão se refere à experiência da literatura como aquela que acontece sem controle ou comando, em que o neutro da voz narrativa – mas também a voz do filósofo – se abre a essa paixão. A literatura padece, sofre, da paixão entre o passivo e o ativo desta voz narrativa. O segredo é o “coração da

⁷ Um dos desdobramentos da associação entre neutralidade e masculino é o debate, empreendido por Lévinas e seguido por Derrida, sobre a função e o lugar do feminino. Meu argumento (RODRIGUES, 2011) é que *feminino* será, para Derrida, também uma estratégia de questionamento da tradição filosófica fundamentada nesta neutralidade.

⁸ Lévinas (2000) atribui a Blanchot o mérito de ter contribuído para sua crítica em relação ao neutro: “Temos assim a convicção de ter rompido com a filosofia do Neutro: com o ser do sendo heideggeriano, cuja neutralidade impessoal a obra crítica de Blanchot tanto contribuiu a salientar”.

literatura”, um segredo sem conteúdo, não escondido, segredo como aquilo que é impossível de dizer, segredo que não pode ser localizado como tal (MICHAUD, 2006).

Destaco aqui, a partir da leitura de Michaud, os argumentos de Derrida a partir dos quais é possível pensar que a literatura se desloca da denominação que ocupa na teoria literária para outro lugar, para lugar do outro. Literatura passará ser então aquilo que acolhe o segredo, oferecendo asilo a esse segredo sem fundo. Michaud articula dois segredos: o segredo do objeto, que escapa ao sujeito consciente, e o segredo sem conteúdo próprio, este que também escapa ao sujeito do inconsciente. Segredo como aquilo que opera outra ideia de autonomia e de responsabilidade, segredo como o que equivoca autonomia e responsabilidade, confunde a possibilidade de responder em nome do próprio, em nome próprio. Segredo que faz da obra literária ao mesmo tempo “arquisecreta e arquipública” (MICHAUD, 2006, p. 36). Com isso, argumenta a autora, Derrida desenvolve uma reflexão política – que eu chamo aqui de ético-política – em torno do literário.

4. PAIXÃO PELO SEGREDO

La littérature au secret – une filiation impossible foi publicado em 1999, no livro *Donner la mort*, cujo primeiro texto, homônimo ao livro, é a leitura de Derrida para o sacrifício de Abraão. Derrida está discutindo o problema da alteridade, da responsabilidade infinita – aqui já a ampliação da responsabilidade levinasiana em relação ao rosto do outro. Não se trata de reproduzir esta discussão, que não caberia no curto espaço deste trabalho⁹, mas apenas resumir o argumento de Derrida. Ele volta ao sacrifício de Abraão para apontar dois segredos: o segredo entre Abrahão e a sua família, a quem ele não conta as exigências divinas; e o segredo entre Deus e Abrahão, que não diz a Abrahão por que está exigindo o sacrifício de Isaac. Derrida argumenta que Abrahão guardou segredo porque estava em segredo, ele está obrigado ao segredo porque o pedido de sacrificio de Isaac é para ele também um segredo. Por isso, é ao guardar segredo que Abrahão assume a responsabilidade por sua decisão.

⁹ Esta discussão faz parte da minha pesquisa de doutorado, RODRIGUES 2011; 2013.

Em um longo caminho de leitura impossível de ser reproduzido aqui, Derrida dirá que toda decisão responsável, para ser digna desse nome, seria em si solitária, como foi a decisão de Abraão, e não se dá, como queria Kant, por dever, mas pela resposta incondicional ao outro, como a resposta de Abraão a Deus. Toda responsabilidade é infinita ou não é responsabilidade, é uma experiência singular de relação com a alteridade, ligada ao silêncio, ao segredo e ao secreto (DERRIDA, 1999, p.86).

Ao responder “Eis-me aqui”, Abraão já estaria implicado numa resposta secreta, num segredo que não pode “querer dizer” porque está lançado na singularidade única desta resposta. A responsabilidade da obra literária seria como a responsabilidade de Abraão: singular. Literatura será assim o *lugar* de todos os segredos, de todas as criptas sem outro fundo se não o abismo, sem outra lei se não a da singularidade do acontecimento.

É discutindo esta passagem bíblica que *La littérature au secret* começa, em grande medida recuperando a questão do segredo, para associar os segredos de Abraão ao segredo da literatura. O segredo da literatura estaria neste “querer dizer” singular, e Derrida fará uma ligação entre a responsabilidade infinita e o silêncio, o segredo e o secreto, que fariam parte da estrutura da relação com a alteridade (DERRIDA, 1999, p.86). Contrária, assim, dois ideais da moralidade em Kant: o da autonomia e o da razão pública, ligada a permanente necessidade de prestar contas de seus atos e gestos.

Na tradição, o segredo é geralmente pensado como aquilo que está fora do campo de visão, como aquilo que é invisível aos olhos, está guardado ou escondido. *Abscondito*, *absconditus*, escondido, secreto, misterioso. Na maioria das vezes em que *abscondito* designa segredo se torna sinônimo de *secretum*, como aquilo que está separado, retirado, que escapa aos olhos, num privilégio da dimensão ótica. Mas o absoluto não é necessariamente aquilo que não vemos temporariamente e que em algum momento se tornará visível. Derrida recupera do léxico grego a referência ao segredo não como o que escapa da visão, mas como cripta (*kryptô*, *kryptos*) que, além de significar escondido, também remete a além do par visível/invisível. A cripta seria um tipo de segredo ilegível ou indecifrável, um segredo que não se traduz em algo nem se torna visível em algum momento, não pode ser revelado, trazido à luz ou posto à prova, mas um segredo que *resiste* a qualquer tentativa de conhecimento. Esse segredo da cripta remete, diz Derrida, ao

todo outro, à dessimetria da minha relação com Deus – que me vê, mas eu não o vejo, que vê o segredo em mim, mas eu não vejo ele me ver.

Enquanto a filosofia tem sido, acredita Derrida, uma denegação desse segredo, um segredo que não é acessível nem ao saber, nem ao conhecimento nem à objetividade, literatura tem sido o lugar privilegiado do segredo. A literatura vive então da paixão por este segredo, ela existe *em função* deste segredo, que resiste a qualquer decifração, um segredo constitutivo da relação com linguagem, da relação com *todo outro que é totalmente outro*.

Em Derrida, segredo não está mais no campo da interioridade, de algo que se deva ou se possa confessar, declarar, desvendar ou prestar contas, numa exigência de resposta que ele tomará como violenta. “Não mais que a religião, estamos certo disso, a filosofia, a moral, a política ou o direito não podem aceitar o respeito incondicional a esse segredo. Essas instâncias são constituídas como instâncias próprias do pedido de contas, isto é, de respostas, de responsabilidades assumidas” (DERRIDA, 1995, p.43). Enquanto nesses campos, o segredo se torna um problema, um segredo condicionado à exigência da resposta, na literatura este segredo está autorizado, instituído, permitido, justificado. É *função da literatura* guardar este segredo.

Segredo aqui não é uma verdade codificada, tão bem codificada que não há ainda um método para alcançá-la. Segredo seria uma condição de “não-saber”, condição que nos lança na paixão – na paixão pela literatura, *lugar* de todos os segredos. Chega-se, assim, a mais uma referência à *função* da literatura na ética de Derrida: ser o lugar da singularidade, lugar de enfrentamento da pretensão de universalidade kantiana, lugar da lei *do* singular, da lei *no* singular, da lei a qual nunca se tem total acesso, lugar de uma verdade que, como *as coisas mesmas*, sempre escapa¹⁰.

¹⁰ *La chose même se dérobe toujours* é uma refutação, em Derrida, do apelo fenomenológico de Husserl, “de volta às coisas mesmas”. Está no final de *A voz e o fenômeno*, no mesmo capítulo em que aparece pela primeira vez o termo *différance*, que designará, entre outras significações, este movimento permanente de escapar. Importante observar que o apelo husserliano está dirigido à Kant, para quem “não é possível conhecer a coisa em si”. Na divisão entre razão prática e razão teórica, esta é voltada para o conhecimento e enfrenta seus limites em relação à possibilidade de conhecer o objeto. No conceito freudiano, *das Ding* (a coisa) é o “objeto desde sempre perdido”, retomado por Lacan como perda originária e promotora do desejo. Ainda que “a coisa” da psicanálise não seja uma herança direta “da coisa” na filosofia, há uma associação possível, que poderia se constituir numa pesquisa futura, entre o que sempre escapa na “coisa”.

5. À GUIA DE CONCLUSÃO

Pretendi levantar duas hipóteses: a primeira, a de que a literatura, embora já fosse um tema de interesse de Derrida desde o início da sua trajetória filosófica, nos anos 1970, ganha, nos anos 1990 ou no chamado “segundo Derrida”, a *função* ética. Em outras palavras, literatura torna-se uma palavra estratégica no pensamento ético de Derrida na medida em que serve aos seus propósitos de articulação entre ética e alteridade, o que se dá a partir do momento em que ele volta a Kant a fim de contestar o ideal de moralidade do sujeito autônomo da razão. A segunda hipótese é decorrência da primeira. Na medida em que Derrida propõe uma definição para a literatura, o faz para pensar na ligação entre literatura e sentido, literatura e indecidibilidade do secreto, do segredo. Pelo seu estatuto de não-essência, não-permanência, não-pertencimento, não-autonomia, literatura será mais um dos indecidíveis do pensamento da desconstrução, *pathos*, afeto, paixão que afeta e se deixa afetar por *todo outro que é totalmente outro*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALFOUR, Ian (Ed.). “Late Derrida”. **The South Atlantic Quarterly**, v. 106, n. 2, 2007.

BORRADORI, Giovanna. **Filosofia em tempos de terror: diálogos com Habermas e Derrida**. Tradução de Roberto Mugiatti. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

DERRIDA, Jacques. A voz e o fenômeno. **A voz e o fenômeno: introdução ao problema do signo na fenomenologia de Husserl**. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

DERRIDA, Jacques. **Paixões**. Tradução de Lóris Z. Machado. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

DERRIDA, Jacques. **Demeure: Maurice Blanchot**. Paris: Galilée, 1998.

DERRIDA, Jacques. **Donner la mort**. Paris: Galilée, 1999.

DERRIDA, Jacques. “O que é a desconstrução?”. **Le Monde**, suplemento especial, 2004.

DERRIDA, Jacques. “A palavra acolhimento”. Tradução de Fabio Landa. In: DERRIDA, Jacques. **Adeus a Emmanuel Levinas**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

DERRIDA, Jacques. **Permanecer**. Maurice Blanchot. Tradução Flavia Trocoli e Carla Rodrigues. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2013 [prelo]

DURÃO, Fábio Akcelrud. **Modernismo e Coerência**: quatro capítulos de uma estética negativa. São Paulo : Editora Nankin, 2012.

DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar. “Da compreensão do ser ao rosto do outro”. In: SOUZA, Ricardo Timm; OLIVEIRA, Nythamar Fernandes (Orgs.). **Fenomenologia Hoje III**. Bioética, Biotecnologia, Biopolítica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

HADDOCK-LOBO, Rafael. **Derrida e o labirinto de inscrições**. Porto Alegre : Editora Zouk, 2008.

KOFMAN, Sara. **Lectures de Derrida**. Paris: Editions Galilee, 1984.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Tradução de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2000.

MICHAUD, Ginette. “Jacques Derrida e a questão das artes, ou como aprender a ver de outra forma”. In: EYBEN, P. e RODRIGUES, F. (orgs). **Derrida, Escritura & Diferença no limite ético-estético**. Vinhedo, SP : Editora Horizonte, 2012.

MICHAUD, Ginette. **Tenir au secret** (Derrida, Blanchot). Paris : Galilée, 2006.

MICHAUD, Ginette. “Psicanálise, literatura, desconstrução: o impossível em partilha”. In: MAJOR, René. **Estados Gerais da Psicanálise**. Rio de Janeiro : Contracapa, 2003.

MITCHELL, W.J.T et alii (Eds.). **The late Derrida**. Chicago: University of Chicago Press Journals, 2007.

RAPAPORT, Herman. **Later Derrida**: reading the recent work. New York and London: Routledge, 2002.

RODRIGUES, Carla. “Como se fosse literatura, como se não fosse filosofia: *questão de estilo*”. **Revista Aisthe**, UFRJ, 2013a [prelo].

RODRIGUES, Carla. **Dois palavras para o feminino**: hospitalidade e responsabilidade. Sobre ética e política em Jacques Derrida. Rio de Janeiro : NAU Editora/Faperj, 2013b.

RODRIGUES, Carla. **Rastros do feminino**: sobre ética e política em Jacques Derrida. Tese de Doutorado em Filosofia, PUC-Rio, 2011.

SCHRIFT, Alan D. “Nietzsche’s French Legacy”. IN: MAGNUS, B. e HIGGINS, K. (orgs). **The Cambridge Companion to Nietzsche**. Cambridge Press, 2006.